

A DIFERENÇA COMO VALOR NA OBRA LITERÁRIA DE LUÍSA DUCLA SOARES

DIFFERENCE AS A VALUE IN THE LITERARY WORK OF LUÍSA DUCLA SOARES

Carla A. E. S. Guerreiro 
Universidade Nova de Lisboa, IELT
ESE/IPB
Lisboa, Portugal
carlaguerreiro@ipb.pt

Resumo. Pretendemos celebrar o cinquentenário da obra literária de potencial receção infantojuvenil da autora portuguesa Luísa Ducla Soares, revisitando um corpus textual representativo da sua escrita, constituído pelas obras: O soldado João (1973), Gente Gira (2002), Tudo ao contrário (2002) e Seis histórias às avessas (2003), no âmbito do reconhecimento e respeito pela Diferença como valor que lhes está subjacente. Esta escritora integra o corpus textual de leitura recomendada e obrigatória da Educação Literária nos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico e é referenciada no Plano Nacional de Leitura. Além do mais é também uma autora por nós trabalhada na unidade curricular de literatura infantojuvenil, que integra o currículo do curso de licenciatura em Educação Básica e em literatura para a infância, unidade curricular do 1.º ano de mestrado do 2.º Ciclo de estudos dos cursos de Educação Básica. Pelo exposto, com base em revisão e análise textual do corpus textual supracitado, consideramos que a literatura de potencial receção infantojuvenil desta autora promove uma educação inclusiva e de respeito pela diferença que deve ser conhecida e trabalhada em contexto escolar.

Palavras-chave: literatura de potencial receção infantojuvenil; Luísa Ducla Soares; diferença; educação.

Abstract. We intend to celebrate the fiftieth anniversary of portuguese author Luísa Ducla Soares' literary work of potential reception for children, revisiting titles as important as: O soldado João (1973), Gente Gira (2002), Tudo ao contrário (2002) e Seis histórias às avessas (2003), within the scope of recognition and respect for Difference as a value that underlies them. This writer integrates the textual corpus of recommended and mandatory reading of Literary Education in the 1st and 2nd Cycles of Basic Education and is referenced in the National Reading Plan. In addition, she is also an author that we worked on in the curricular unit of children and youth's literature, which integrates the curriculum of the degree in Basic Education and in Literature for Children, curricular unit of the 1st year of the master's degree of Basic Education courses. Based on the above and on a review and textual analysis of this author's work, we believe that her literature of potential reception for children and youth promotes an inclusive and multicultural education, which must be known and worked on in a school context.

Keywords: literature for children and youth; Luísa Ducla Soares; Difference; education.

INTRODUÇÃO

Maria Luísa Bliebernicht Ducla Soares Sottomayor Cardia (n.1939), conhecida publicamente como Luísa Ducla Soares é autora de uma das mais consistentes obras de literatura portuguesa para a infância, revelando a sua escrita, uma grande beleza formal e despojamento de palavras e de frases desnecessárias. Independente e fiel a si própria e às suas convicções, recusou em 1973 o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho, atribuído pelo Secretariado Nacional de Informação (SNI) à sua primeira obra para crianças: A história da papoila (1972). Como poderia a autora de O Soldado João (1973), um hino anti bélico, aceitar um prémio literário, das mãos do governo que promovia a Guerra Colonial? Com efeito, a generalidade da sua obra é publicada após a instauração da democracia, em Portugal, no pós- 25 de abril de 1975.

Como se sabe depois da Revolução do 25 de Abril de 1974 a literatura infantojuvenil conheceu em Portugal uma enorme evolução, fala-se com razão de um verdadeiro boom, e talvez se justifique falar também neste caso de uma verdadeira revolução. Efetivamente, este sector do panorama editorial, quem dantes ocupava um lugar de segundo plano, torna-se o mais explosivo da produção escrita no Portugal da década de 80. O 25 de Abril foi a alavanca que conduziu a uma orientação paralela à do resto da Europa. (Blockeel, 2001, pp.55-56).

Em 1985, a coletânea, Seis Histórias de Encantar (1985), publicada mais tarde, com o título Seis Histórias às Avessas (2003), recebeu o Prémio de Livros Calouste Gulbenkian para Crianças e, dez anos mais tarde, receberá da mesma instituição o Grande Prémio de Literatura para Crianças, pelo conjunto da sua obra. Os seus contos para a infância nunca são “inocentes”, deles sobressai quase sempre uma mensagem, um recado, uma opinião ou a essência da história, sendo comum e subjacente a todos eles uma linguagem simples, mas inteligente, que se caracteriza pela ironia e o sentido de humor. Na prosa de Luísa Ducla Soares encontramos um jogo lúdico localizado sobretudo ao nível da criação de situações narrativas, em que a realidade, o desejo e a fantasia surgem aliadas de uma forma pouco convencional, entrecruzando-

se com um olhar crítico e bem-humorado sobre o pragmatismo que domina o real e o sonho de um mundo melhor. (Bastos, 1999). Este carácter lúdico que a sua escrita assume é muito influenciado pelas suas principais fontes de inspiração: uma imaginação muito fértil (de quem foi a irmã mais velha de dois traquinas mais novos) e a literatura popular portuguesa (partilhada magistralmente pelo seu pai), também ela marcada por inúmeras situações insólitas e humorísticas. Corroboramos as palavras de Barreto, quando afirma que: “Os seus livros para crianças assumem uma qualidade de escrita e de temas abordados que demonstram uma verdadeira vocação para este tipo de trabalho literário. Após a instauração da Democracia, os seus livros obtiveram um lugar destacado entre os autores que melhor cultivam a literatura infantojuvenil”. (Barreto, 1998, p. 60).

Luísa Ducla Soares confere grande importância ao mundo em que vive, ao salientar a necessidade da igualdade entre os seres e o respeito pela diferença, ao enveredar pela crítica saudável, ao revelar o património literário da cultura portuguesa ou ao alertar para a necessidade de um planeta mais protegido, muito antes destes assuntos estarem “na ordem do dia”. Mas, esta sua atenção e o interesse que revela em relação ao que a rodeia, não fazem da sua produção literária para os mais novos uma escrita moralista e difícil. Pelo contrário, a sua escrita é inteligente e subversiva e a autora recria nas suas histórias ambientes fantásticos que, muitas vezes, se tornam hilariantes, pelo inaudito das situações apresentadas, mesmo quando se abordam situações de risco, solidão ou perda. O sentido de humor e o riso são componentes essenciais na vida das crianças e, segundo Luísa Ducla Soares, estes elementos não podem ser excluídos da literatura que a elas se destine:

Dirigir-me às crianças com lamúrias, mimos ternurentos, ou linguagem infantilizante, nunca fez parte do meu estilo, mas pretendo entrar na cumplicidade com elas, através do humor, que pode transformar-se numa brincadeira crítica (...) Rir é saudável e faz falta (Soares, s. /d., p. 5). Adoro a aventura de imaginar (...) Escrevo por necessidade, por vício, por premência, desde a juventude (...) A escrita funciona também como evasão, como a forma mais eficaz de saltar dos meus problemas para o mundo da imaginação (...) (Soares, s./d., p. 429).

A DIFERENÇA COMO VALOR

Passaremos à focalização do tema que nos parece mais característico e distintivo da obra literária de Luísa Ducla Soares de potencial receção infantojuvenil: a aceitação da diferença e seu elogio.

A alteridade, termo que abrange vários aspetos, pode definir-se em relação às oposições eu/outro, criança/adulto, homem/mulher, bom/mau, rico/pobre, branco/ preto, etc... Durante o seu crescimento, a criança vai deparar gradualmente com essas oposições e nessa aprendizagem a sua leitura pode desempenhar um papel muito importante. Assim, o conto é a forma literária por excelência que desde muito cedo permite à criança a aceitação precoce da diferença (Blockeel, 2001, p.290).

Os adjetivos: irreverente, subversiva e transgressora são os que melhor caracterizam a atitude de Luísa Ducla Soares perante a questão da diferença, temática que subjaz a muitos dos seus contos para a infância. Em inúmeros textos desta autora descrevem-se situações consideradas padrão de normalidade, que serão postas em confronto com outras diferentes, para se ajudar o leitor a concluir que estas últimas têm de ser compreendidas e respeitadas. A autora não só aceita, como elogia e não se circunscreve ao elogio da diferença, afrontando, mesmo, o padrão de normalidade. Justificaremos a nossa afirmação, recorrendo a alguns exemplos, que consideramos mais significativos. É o caso das obras *Tudo ao contrário* (2002) e *Gente gira* (2002). Na primeira obra é notória a posição relativista assumida por Luísa Ducla Soares. Deste livro fazem parte os contos: “O homem alto, a mulher baixinha”, “O rapaz magro, a rapariga gorda”, “A rapariga limpa, o rapaz sujo” e “A menina branca, o rapaz preto”. Em todos eles é particularmente notória a hiperbolização lúdica dada por comportamentos decorrentes de corpos diferentes, comportamentos opostos ou cores diferentes, respetivamente. Mas, as situações dicotómicas, ao invés de gerar incompatibilidades, originam a união, sobretudo quando se é o mais diferente possível. Todo o texto de “O homem alto, a mulher baixinha” se irá construir com base numa estrutura paralelística antitética, enfatizando a diferença e promovendo a sua aceitação:

Era uma vez um homem tão alto, tão alto, tão alto, que batia com a cabeça nas nuvens (...) Era uma vez uma mulher tão baixa, tão baixa, tão baixa, que usava os malmequeres como chapéus-de-sol (...) (Soares, 2002, p. 1). O homem alto tinha de entrar de rastros no túnel onde dormia. (...) A mulher baixinha tinha de usar um escadote para subir o único degrau do rés-do chão em que morava. (Soares, 2002, p. 3). O homem alto era um grande polícia sinaleiro. Mas só de aviões. A mulher baixinha era uma grande médica, mas só tratava doenças dos pés (Soares, 2002, p. 5). Quando, finalmente, estamos convencidos de que há um muro intransponível entre eles, eis que: Um dia a mulher baixinha foi chamada para ver uns pés que pertenciam a um corpo que nunca mais acabava. O doente ficou espantado com aquela médica, que mal chegava à altura de um sapato. Pediu-lhe licença para a erguer no ar. Então, frente a frente, repararam como eram parecidos- tinham ambos cabelos ruivos, olhos verdes, três sardas na ponta do nariz (Soares, 2002, p.5).

O sublinhar das diferenças feito pelo narrador é ultrapassado pelo olhar das personagens, que até se acham parecidas uma com a outra. Tão diferentes e, apesar disso, tão iguais naquilo que é essencial e irmana todos os homens: o sorriso e o olhar. No caso de “O rapaz magro, a rapariga gorda”, também as diferenças entre os protagonistas são hiperbolizadas, desta vez no que ao aspeto físico diz respeito. Atente-se na repetição, como recurso estilístico usado para enfatizar a diferença abissal entre as personagens.

Era uma vez um rapaz tão magro, tão magro, tão magro que passava sem se molhar entre as gotas de chuva. (...) Era uma vez uma rapariga tão gorda, tão gorda, tão gorda que, às vezes, lhe chovia sobre o braço direito, enquanto o esquerdo apanhava sol (Soares, 2002, p. 8). O rapaz magro tinha uma boca tão estreita que só comia fios de ovos e aletria (...) A rapariga gorda tinha a boca tão larga que comia numa dentada um pão saloio mais um peru (Soares, 2002, p. 9). O rapaz magro era canalizador. Entrava pelos canos dentro, com um fósforo na mão e desentupia-os na perfeição. A rapariga gorda era empregada da fábrica de puré. Sentava-se numa montanha de batatas cozidas e elas transformavam-se logo em puré (Soares, 2002, p.11).

Neste conto, o final é ainda mais surpreendente que no anterior, pois os opostos atraem-se de tal forma que se apaixonam e é desta união que surge o equilíbrio: “Amaram-se à primeira vista. Casaram e tiveram muitos meninos, nem gordos, nem magros” (Soares, Soares, 2002, 11).

Equilibrada, é igualmente a solução encontrada para pôr fim à sujidade, que é aquilo que separa as duas personagens do conto “A rapariga limpa, o rapaz sujo”: “(...) o rapaz sujo viu a rapariga limpa e ficou apaixonado. Declarou-lhe o seu amor. A rapariga limpa calçou as luvas e atirou o rapaz sujo para dentro da máquina de lavar. Tinha tanta porcaria que ainda não saiu de lá” (Soares, 2002, p.17).

Por último, encontramos o conto “A menina branca, o rapaz preto”, a chave de ouro a encerrar esta coletânea consagrada ao elogio da diferença e à harmonização dos opostos. Mais uma vez, a hipérbole e a repetição são os recursos estilísticos colocados ao serviço da enfatização da diferença entre os seres: “Era uma vez um rapaz tão preto, tão preto, tão preto, que de noite ninguém conseguia vê-lo. Era uma vez uma menina tão branca, tão branca, tão branca que, estendida num lençol, ninguém conseguia vê-la” (Soares, 2002, p. 21).

O texto, pelo seu exagero, quase nos faz lembrar uma anedota, tão ao gosto infantil. A acentuar esta diferença está a atitude de afastamento das duas personagens principais, marcada pelo medo de serem tão diferentes. É este medo (que resulta do desconhecimento do Outro) que faz com que os dois se evitem e se receiem: “A porta de um era em frente da porta do outro, mas cada um ficava por trás da porta, porque achavam muito esquisito ser-se de uma cor diferente” (Soares, 2002, p.19). Um dia, porém, a curiosidade é maior que o medo e o receio do desconhecido: “Até que um dia abriram a porta ao mesmo tempo” (Soares, 2002, p. 21) e tudo termina da melhor forma possível para os dois jovens de cores tão contrastantes: muito felizes “foram os dois jogar xadrez”, o jogo favorito de ambos (Soares, 2002, p.21).

Também na coletânea *Gente gira* (2002) são evidenciadas várias situações que têm a temática da diferença, como temática comum. São três os contos que constituem esta obra: “O homem das barbas”, “O senhor pouca sorte” e “A menina verde”. No primeiro texto é evidenciado o partido que alguém com uma condição física diferente dos demais pode tirar dessa situação. Dotado de umas barbas enormes, esta personagem pode fazer com elas inúmeras coisas: “atava-as à cintura para não lhe caírem (...) não precisava de vassoura, usava as barbas (...) estendia as barbas entre duas estacas, no quintal e nelas pendurava as camisas, as cuecas, os lençóis” (Soares, 2002, pp. 9 e 11). A mensagem transmitida é que por se ser diferente dos outros,

não devemos sentir-nos inferiorizados, mas antes tirar partido positivo dessa diferença e ser-se até um verdadeiro herói: “Se havia alguém em perigo, atirava-lhe logo uma bóia amarrada às barbas” (Soares, 2002, p. 13). “O Senhor Pouca Sorte” é uma estória contada em jeito de parábola, transmitindo Luísa Ducla Soares às gerações mais novas a ideia de que a nossa felicidade depende só do modo como perspetivamos e aproveitamos a vida. O nome escolhido para título do texto acaba por ser sugestivo, sobretudo porque ele vai ser desconstruído ao longo do texto.

Aquele rapaz nasceu a uma sexta-feira dia treze, daí a sua pouca sorte. Nunca apanhou uma doença para poder faltar à escola. Que pouca sorte! Saíam-lhe sempre automóveis nas rifas (...) sem ter carta de condução. Que pouca sorte! Comprou uma galinha, pois queria ovos frescos para fazer omeletes. Mas a galinha só punha ovos de ouro. Que pouca sorte! Quando caiu do helicóptero em que viajava, foi pousar, em cima de uma cerejeira. Logo ele que não gostava de cerejas. Que pouca sorte! O ladrão que lhe assaltou a despensa para roubar chouriços deixou lá ficar, por esquecimento, um saco com pulseiras, brincos, anéis de brilhantes e colares de pérolas. Tudo jóias para senhora. Que pouca sorte! (Soares, 2002, pp. 17 e 19).

Com efeito o pessimismo e a falta de iniciativa para aproveitar as oportunidades, são corporizadas por esta personagem, que, (pasmese!) “Nunca casou porque tinha tantas namoradas, que não sabia qual havia de escolher.” (Soares, 2002, p. 19). Nesta coletânea, a nosso ver, o mais significativo elogio da diferença está presente no conto: “A menina verde”. Elogiar a diferença passa, antes de mais, por se aceitar que se é diferente, seja por que motivo for. “Aquele menino nasceu verde, verde, verde, verde. - Seria de eu comer muito caldo verde? - perguntava a mãe. -Seria de eu beber muito vinho verde? - perguntava o pai?” (Soares, 2002, p. 1). Posteriormente, na impossibilidade de se modificar o elemento incomum diferente (“os médicos puseram-na ao sol a ver se corava (...) Puseram-na à sombra a ver se descorava. Ficou ainda mais verde.” (Soares, 2002, p.1), a personagem principal, verde e linda, aproveita, explora e frui o dom de ser singular e única: “Ninguém jogava às escondidas melhor do que ela. Na relva verde, nos arbustos verdes, quem conseguia encontrá-la? (...) trepava às figueiras sem que o dono dos figos lhe ralhasse.” (Soares, 2002, pp. 3 e 5). Atentemos na intensificação da cor verde, conseguida através da repetição do semantema “verde”.

Nada mais resta à menina e aos pais, além de verificar como a sua diferença se consolida “Assim foi crescendo linda e verde” (Soares, 2002, p.7), se espalha e é valorizada e elogiada, consoante a perspetiva do apreciador: “Verde como a Primavera diziam os sonhadores. -Como uma alface- diziam os comilões. (...) -Como metade da bandeira portuguesa- diziam os patriotas. -Verde como a esperança- diziam os que achavam que a esperança tinha cor” (Soares, 2002, p.7).

O conto tem como desfecho a felicidade de a menina encontrar alguém que goste dela e a aprecie pela sua diferença. Mais uma vez, a complementaridade surge como mensagem positiva no final de uma estória de Luísa Ducla Soares, acompanhada de imprescindível nota de humor. “Verde como o Sporting! - exclamou apaixonadamente o Presidente do Clube dos Verdes. Amaram-se verde e verdadeiramente. Foram viver para uma casa verde e, em vez de um cão de guarda, compraram um crocodilo. Verde” (Soares, 2002, p.7). Além das obras anteriormente referidas, consagradas em exclusivo à temática da diferença, existem contos noutras obras da autora, em que é igualmente visível esse aspeto, tais como: “O monstro”, “O vampiro que bebia groselha” e “A sereia” (pertencentes à obra *Seis Histórias às Avestas* (2003). Na primeira história, um ser diferente e de proporções consideráveis é capturado no Tejo. Inicialmente, todos assumem uma atitude de estranheza perante uma criatura diferente de qualquer outra, até na alimentação. A sua diferença é ressaltada através do uso intencional da palavra “estranho” (Soares, 2003, p. 25), presente no discurso de todas as personagens. “- Mas que estranho monstro! - gritavam os pescadores - Mas que estranho- exclamou o director do jardim zoológico, ao metê-lo numa jaula”. (Soares, 2003, p. 25). Descubrese, entretanto, que o monstro gosta de gasolina “olhem como o malandro me gasta a gasolina!” (Soares, 2003, p. 26) Neste momento da estória, acontece uma peripécia, decisiva na alteração do rumo dos acontecimentos: um petroleiro afunda-se na baía de Cascais e começa a derramar crude. O animal, anteriormente desprezado, devido à sua diferença dos demais, é agora estimado e elogiado, e a da sua existência depende a única hipótese de despoluição do oceano. A partir deste momento, passam a ser-lhe confiadas as relevantes tarefas de despoluição dos rios, mares e praias. “Por onde passava, a areia ficava branca, a água de novo ficava azul” (Soares, 2003, p. 26).

O monstro, inicialmente apelidado de “estranho” passa a ser tratado por “fantástico”, “mágico” e “sensacional” (Soares, Soares, 2003, pp. 28 e 29), passando a sua diferença a ser bem aceite e, mesmo,

indispensável à sociedade. Novamente, o senso de humor da autora sobressai no final do texto: “Todo o governo bebeu vinho do Porto à saúde do monstro, mas para ele abriu-se, naturalmente, uma garrafa de gasolina super” (Soares, 2003, p. 29).

Também no conto “A Sereia”, que integra a mesma coletânea, este ser fantástico, devido à sua diferença, enfrenta uma grande perseguição da sociedade, mas, ao contrário da maior parte dos contos de Luísa Ducla Soares, neste o final não é harmonizador e integrador da diferença. Cansada de ser exibida e criticada, não resta à sereia, outra hipótese senão a fuga de Rogério, o seu captor e carcereiro: “A sereia arrastou-se até à porta, abriu-a, passou ao jardim, à rua e conseguiu partir para o seu amado mar.” (Soares, 2003, p. 75). Mas que estranho monstro- concluiu o veterinário, ao verificar que não bebia água, nem leite, nem vinho, não comia peixe, nem carne, nem ovos nem pão, nem fruta, nem nada! (Soares, p. 25). “Que monstro fantástico! - Mágico! -Mas que animal sensacional! (Soares, 2003, p. 29). A criatura maravilhosa dos oceanos acaba por regressar ao seu elemento natural, afastando-se da sociedade humana e das suas mesquinhez e maldade. Em “O Vampiro que bebia Groselha”, conto da mesma obra que os anteriores, é contada a estória de um pequeno vampiro que, embora herdeiro de uma tradição vampíresca, é criado por uma cabra e, por isso, muito diferente dos vampiros convencionais. O jovem vampiro tem algumas dificuldades de adaptação à sua nova vida herbívora e procura melhor sorte junto aos homens. Aí descobre a groselha, uma bebida vermelha, como o sangue, e doce, como o mel. Conclui-se a estória com as palavras da personagem principal, que finalmente assume, com prazer, a sua diferença: “Meus pais só bebiam bebida vermelha/Como um bom vampiro/eu bebo groselha” (Soares, 2003, p. 17).

Concluimos esta reflexão sobre a questão da diferença como valor na obra narrativa de Luísa Ducla Soares com o exemplo da obra *O Soldado João*. Datado de 1973, este texto pacifista (contemporâneo da Guerra Colonial, como no início deste capítulo indicámos) traduz um gesto sintomático de ousadia, apresentando um soldado que foge completamente àquilo que se espera de um militar, durante um conflito armado. Nas palavras da autora:

O soldado João é de tal forma avesso a lutas que inviabiliza o conflito armado, transportando para ele as regras da boa educação e da solidariedade inabalável. De tal forma empata a guerra com a sua ineficácia bélica que os generais inimigos, por ele tratados como amigos, acabam por achar que passou o tempo da guerra, reconciliam-se e partem em paz (Soares, 2004, p. 9).

João é o soldado mais atípico que pode existir e a sua construção reflete o próprio pensamento de Luísa Ducla Soares sobre a guerra e acerca da importância de fazer a paz. “Os conflitos armados baseados em raças, religiões, ideologias não têm para mim qualquer sentido. (...) Pertença ao planeta Terra. E esse planeta é de todos nós” (Soares, 2004, p. 10). Atente-se, a título de exemplo, nas seguintes passagens do conto:

Todos os soldados carregaram as espingardas e fizeram pontaria. Mas o soldado João achou indelicado não ir cumprimentar os companheiros da outra banda. Pousou a arma, saltou a trincheira, avançou estendendo a mão. Então os outros soldados, espantados, estenderam a mão também (Soares, 2010, p. 6). Notou que os dois generais inimigos coxeavam ligeiramente, descalçou-lhes as botas e pôs-se a tirar-lhes os calos (Soares, 2010, p. 6).

Das atitudes pacifistas do soldado só podem resultar consequências positivas. Mais uma vez é transmitida pela autora a mensagem que é da diferença que nasce o equilíbrio e se dá a harmonização das situações. Deste modo: “Então o incrível aconteceu. Os dois generais levantaram-se ao mesmo tempo e condecoraram-no com duas luzentes medalhas de ouro. Como era noite, acharam que já passara o tempo da guerra, apertaram as mãos e partiram em paz” (Soares, 2010, p. 8). Sempre através do humor, a autora aposta, através da sua escrita, na capacidade de dizer não ao belicismo e de investir na fraternidade entre os homens e na paz, mensagem que resulta de uma enorme atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas obras de Luísa Ducla Soares, mesmo naquelas em que o primeiro plano é preenchido por uma vertente mais lúdica, quer em termos de situações retratadas, quer no concernente à linguagem, existe sempre uma reflexão sobre alguns valores fundamentais que nos definem como seres humanos e que apontam e realçam as diferenças que simultaneamente nos individualizam e tornam cada um de nós especial e único.

O sentimento de solidariedade e de partilha em relação aos outros, a crítica de certos aspetos da sociedade atual, como sejam: a rejeição da diferença, a avidez do lucro e a tirania do pensamento único são elementos sempre presentes, por vezes encenados em ambientes em que reinam o nonsense, o humor e uma certa ironia tão a gosto dos jovens leitores.

Concluiremos com as palavras do Nobel José Saramago que tão bem se adaptam à obra da autora por nós trabalhada: “A busca do Outro talvez seja o caminho pelo qual cada um de nós consegue chegar a si próprio. Para aproximar-nos àquilo que somos temos que passar pelo Outro. É preciso saber o que os outros pensam” (Saramago, 2000, como citado em Blockeel, 2001, p.383). É de facto da interação entre o Eu e o Outro, o Diferente que se consegue um equilíbrio e uma autodefinição e a literatura de potencial receção infantojuvenil de Ducla Soares é uma excelente forma de trabalhar estas questões essenciais e estruturantes para as crianças e jovens.

REFERÊNCIAS

- Barreto, G. (1998). *Literatura para crianças e jovens em Portugal*. Campo das Letras.
- Bastos, G. (1999). *Literatura infanto-juvenil*. Universidade Aberta.
- Blockeel, F. (2001). *Literatura juvenil portuguesa contemporânea: identidade e alteridade*. Editora Caminho.
- Soares, L. D. (2004). Escrever para Crianças sobre a Guerra. Comunicação apresentada no *IV Congresso Luso-Galaico*. Biblioteca Almeida Garrett.
- Soares, L. D. (2002). *Gente Gira*. Livros Horizonte.
- Soares, L. D. (2002). *Tudo ao Contrário*. Livros Horizonte.
- Soares, L. D. (2003). *Seis Histórias às Avesas*. Editora Civilização.
- Soares, L. D. (2010). *O Soldado João*. Editora Civilização.